

Validação da Escala de Resiliência de Wagnild & Young para a População Portuguesa

Filipa Coelho¹, José A. García del Castillo², Juan C. Marzo, & Paulo Dias³

1. Instituto Superior de Ciências Educativas, Portugal.

2. Universidad Miguel Hernández de Elche, Espanha.

3. Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Braga, Portugal.

Resumo

O presente estudo visa a validação da escala psicométrica de resiliência desenvolvida por Wagnild & Young para a população portuguesa a partir da validação preliminar desenvolvida por Vara e Sani (2006). A escala a validar é composta por 25 afirmações que requerem o posicionamento do inquirido entre 7 pontos da escala de *Likert*. A validação psicométrica do questionário de resiliência de Wagnild & Young desenvolveu-se a partir da Análise Fatorial Exploratória onde foram identificadas as dimensões mais significativas que a escala apresenta através do estudo da confiabilidade e da Análise Fatorial Confirmatória. Utilizando uma amostra de 313 inquiridos, analisou-se a confiabilidade da escala e a validação do construto obteve-se a partir da análise fatorial, utilizando o coeficiente Alpha de Cronbach para avaliação da consistência interna da escala. Determinaram-se como fatores: satisfação com a vida (F1), planificação-disciplina (F2) e independência (F3) e verificou-se uma correlação média positiva entre os 3 fatores. A análise fatorial confirmatória apresentou valores ótimos de índice de ajuste Comparativo (.988) e da Raíz da Média dos Quadrados dos Erros de Aproximação (.025), pelo que concluímos que estamos perante um ótimo ajuste ao modelo. Globalmente, os valores dos principais indicadores globais de ajustamento do modelo resultantes da análise fatorial confirmatória expressam a sua qualidade. Como valores de consistência interna dos três fatores recorreu-se ao coeficiente de Alpha de Cronbach obtendo-se os valores ótimos de .798 (escala geral), .747 no fator 1 «satisfação com a vida», .712 no fator 2 «planificação – disciplina» e .632 no fator 3 «independência».

Palavras-chave: Resiliência; Wagnild & Young; Validação de Escala.

Abstract

The present study aims to validate the psychometric scale resilience developed by Wagnild & Young for the Portuguese population from the preliminary validation developed by Vara and Sani (2006). The scale consists of 25 validate assertions that require the placement of respondent between 7 points Likert scale. Psychometric validation of the resiliency Wagnild & Young questionnaire was developed from the exploratory factor analysis where the most significant dimensions that scale features through the study of reliability and confirmatory factor analysis were identified. Using a sample of 313 respondents, we analyzed the scale reliability and construct validation was obtained from the factor analysis, using Cronbach's alpha coefficient for internal consistency of the scale. Were determined as factors: satisfaction with life (F1), planning discipline (F2) and independence (F3) and there was a positive correlation between the average three factors. Confirmatory factor analysis showed excellent index values Comparative (.988) adjustment and the Root Mean Squares of Errors of Approximation (.025), so we conclude that this is an optimal fit to the model. Overall, the values of the key indicators of overall fit of the model resulting from the confirmatory factor analysis to express its quality. As internal consistency of the three factors we used the coefficient of Cronbach Alpha obtaining the optimal values of .798 (overall scale), .747 on Factor 1 "satisfaction with life", .712 on factor 2 "planning - discipline "and .632 in factor 3 'independence'.

Keywords: Resilience; Wagnild & Young; Validation of Scale.

Introdução

O presente estudo visa a validação da escala psicométrica de resiliência desenvolvida por Wagnild & Young para a população portuguesa a partir da validação preliminar desenvolvida por Vara e Sani (2006). A escala a validar é composta por 25 afirmações que requerem o posicionamento do inquirido entre 7 pontos da escala de *Likert*. A validação psicométrica do questionário de resiliência de Wagnild & Young desenvolveu-se a partir da Análise Fatorial Exploratória onde foram identificadas as dimensões mais significativas que a escala apresenta através do estudo da confiabilidade e da Análise Fatorial Confirmatória.

A escala de Resiliência de Wagnild e Young (1993) foi utilizada na sua versão adaptada para a população portuguesa por Vara e Sani (2006). Trata-se de uma escala de 25 itens, apresentados positivamente com opção de resposta através de uma escala de Likert de 7 pontos, sendo que 1 corresponde a «discordo totalmente» e 7 a «concordo totalmente». Assis, Pesce & Avanci (2006) afirmam que a presente escala «constitui um dos poucos instrumentos usados para avaliar níveis de adaptação psicossocial positiva frente a eventos de vida importantes» (p. 130).

Metodologia

Participantes

Participaram no estudo 313 adultos, frequentadores do Instituto Superior de Ciências Educativas, dos quais 62,3% são do género feminino e 37,7% do género masculino, com idades compreendidas entre os 18 e os 58 anos.

Instrumentos

Escala de Resiliência de Wagnild & Young (1993).

Procedimentos

A validação psicométrica do questionário de resiliência de Wagnild & Young realizou-se em duas fases. Numa primeira fase, realizámos uma Análise Fatorial Exploratória na qual se procurou identificar as dimensões mais significativas que a escala apresenta através do estudo da confiabilidade da referida escala. Posteriormente, na segunda fase, realizámos uma Análise Fatorial Confirmatória.

Resultados

A apresentação dos resultados inicia-se com a confiabilidade da Escala de Resiliência de Wagnild & Young e respetiva avaliação da consistência interna da escala, seguindo-se a correlação entre fatores da escala Young e terminando com a análise fatorial confirmatória.

Confiabilidade Teste da Escala de Resiliência de Wagnild & Young

A confiabilidade da Escala de Resiliência de Wagnild & Young realizou-se através da amostra dos 313 inquiridos para o estudo. Para analisar a validade do constructo utilizou-se a análise fatorial, utilizando o coeficiente Alpha de Cronbach para avaliação da consistência interna da escala.

Tabela 1.

Peso de cada um dos itens no fator após análise fatorial exploratória, com rotação varimax, valores próprios e variância explicada

| Itens | Factores | | |
|---------------------|----------|--------|--------|
| | 1 | 2 | 3 |
| YOUNG 16 | ,780 | | |
| YOUNG 17 | ,732 | | |
| YOUNG 21 | ,716 | | |
| YOUNG 6 | ,594 | | |
| YOUNG 14 | | ,843 | |
| YOUNG 15 | | ,726 | |
| YOUNG 1 | | ,710 | |
| YOUNG 3 | | | ,743 |
| YOUNG 5 | | | ,718 |
| YOUNG 2 | | | ,684 |
| Valores Próprios | 2,195 | 1,991 | 1,748 |
| Variância Explicada | 21,950 | 19,907 | 17,482 |

Analisado o questionário, decidimos ficar com as 10 variáveis que originaram 3 fatores, dizendo respeito o primeiro fator à satisfação com a vida, o segundo fator com a planificação-disciplina e o terceiro fator a independência. De salientar o facto de em conjunto terem um grau de explicação da variância de aproximadamente 60,1%.

De salientar que, «a análise fatorial produz cargas fatoriais, as quais podem ser consideradas pesos de regressão das variáveis mensuradas para predizer o construto subjacente. Nos casos onde existe mais de um fator subjacente aos dados, a análise fatorial também produz correlações entre os fatores » (Laros, 2005, p. 166).

De forma a compreendermos quais as afirmações correspondentes aos fatores, apresentamos em tabela 2 a sistematização da informação por fatores.

Tabela 2.

Fatores da escala de Young

| | |
|---|--|
| 16. Frequentemente encontro motivos para me rir | Fator 1 «Satisfação com a Vida» |
| 21. A minha vida tem sentido. | |
| 17. Frequentemente encontro motivo para me rir. | |
| 6. Sinto orgulho por ter realizado coisas na minha vida. | |
| 14. Sou disciplinado. | Fator 2 «Planificação - Disciplina» |
| 15. Mantenho interesse nas coisas. | |
| 1. Quando faço planos, sigo-os até ao fim. | |
| 3. Sou capaz de depender de mim mesmo mais do que qualquer outra pessoa. | Fator 3 «Independência» |
| 5. Se precisar, consigo estar por minha conta. | |
| 2. Frequentemente, costumo lidar com os problemas de uma forma ou de outra. | |

No seguimento da validação da escala, e de forma a verificar as correlações entre os três fatores, apresentamos, em tabela 3, os respetivos valores de correlação.

Tabela 3.

Correlação entre fatores da escala Young

| Factores | Valor de Correlação |
|--|---------------------|
| Satisfação com a vida (F1) VS Planificação – Disciplina (F2) | .638 |
| Satisfação com a vida (F1) VS Independência (F3) | .625 |
| Planificação – Disciplina (F2) VS Independência (F3) | .549 |

Da análise à tabela 3 é possível verificar que os fatores da escala apresentam valores de correlação média positiva.

Análise Fatorial Confirmatória

Realizada a análise fatorial exploratória com identificação dos fatores de escala, seus níveis de consistência interna e determinados os valores de correlação dos seus fatores, foi completado o estudo com a análise fatorial confirmatória, tendo-se obtido ótimos valores, melhorando com a correlação dos erros dos itens 16 e 17.

No que concerne ao índice de ajuste comparativo (CFI) e considerando as 10 variáveis em estudo, obtivemos o elevado valor de .988 que, tal como indica Thompson (2004), ao fazer uso de uma distribuição de qui-quadrado não-central que procura levar em consideração a complexidade de um modelo, assume-se como ideal por apresentar valor acima de .95.

Relativamente à RMSEA (raiz da média dos quadrados dos erros de aproximação), obteve-se o valor de .025, que nos permite afirmar que estamos perante um ótimo valor de ajuste ao modelo, uma vez que, como sugere Thompson (2004) os valores abaixo de 0.25 são considerados ótimos. A análise ao valor do índice SRMR (média dos resíduos quadrados standardizada), obteve-se o valor ótimo de .038 que, de acordo com Kahn (2006) este valor deverá ser inferior a .08, sendo ótimo quando apresenta um valor inferior a .05.

É-nos possível então afirmar que, resultantes da análise fatorial confirmatória, os valores dos principais indicadores globais de ajustamento do modelo inspecionado para a resiliência de Young, demonstram a sua qualidade.

De forma a avaliar a consistência interna das três dimensões encontradas, foi calculado o coeficiente de alpha de Cronbach, no qual obtivemos o valor de .798 para a escala geral, .747 no fator 1 «satisfação com a vida», .712 no fator 2 «planificação – disciplina» e .632 no fator 3 «independência», correspondendo desta forma ao proposto por Nunally (1978) que nos indica que deverão ser aceites os critérios superiores a .70.

Discussão

Na análise fatorial exploratória da Escala de Wagnild & Young determinaram-se 10 itens de maior representatividade, distribuídos por 3 fatores. O fator 1 – satisfação com a vida – englobou 4 itens (Young 16, Young 17, Young 21 e Young 6) com valor próprio de 2.195. O fator 2 – disciplina – envolveu 3 itens (Young 14, Young 15 e Young 1) com o valor próprio de 1.991 e o fator 3 – independência – representa-se pelos itens Young 3, Young 5 e Young 2 com o valor próprio de 1.748.

Se contrapusermos os valores obtidos com a versão preliminar de Vara e Sani (2006) verificamos que os fatores por nós obtidos, através da análise exploratória, centram-se também em 3 fatores, contudo o fator 1 é constituído por 14 itens. Verifica-se ainda que ambos os estudos contemplam os itens 16, 17 e 21 e que, no que se refere ao fator 2 a versão preliminar determina 8 itens e o fator 3 expressa-se por 4 itens, sendo que na presente validação, nenhum dos itens obtidos são concordantes com o atingido por Vara & Sani (2006). No entanto, apesar da divergência dos valores apresentados com as referidas escalas originárias de validação, somos a inferir que a escala de validação de Wagnild & Young (1993), com as 10 variáveis avaliadas, manifestou-se adequada. No concernente à análise fatorial confirmatória da escala de resiliência, foram analisados os principais indicadores de modelo (CFI - índice de ajuste comparativo; RMSEA - raiz da média dos quadrados dos erros de aproximação e o índice de SRMR – média dos resíduos quadrados standardizada) e podemos inferir que estamos perante uma distribuição de qui-quadrado não-central, cuja complexidade do nosso modelo é elevada (.988), assim como encontrámos um ótimo valor de ajuste ao modelo (.025) e que, relativamente ao índice de SRMR, o nosso estudo atingiu o valor .035. Relativamente à consistência interna das três dimensões encontradas, obteve-se através do coeficiente de alpha de Cronbach e no qual obtivemos o valor de .82.

Tal como demonstrado, através das análises realizadas, podemos concluir que a avaliação da Escala de Resiliência de Wagnild & Young (1993), através das 10 variáveis do questionário, manifesta-se adequada, no entanto, importa reforçar que, tal como sugerem Pesce, Assis, Avanci, Santos, Malaquias, & Carvalhaes (2005) certamente que novos estudos irão contribuir para uma melhor compreensão e organização da escala em fatores, permitindo desta forma ir aferindo e melhorando o próprio instrumento.

Contacto para Correspondencia

--

Filipa Coelho · filipavcoelho@gmail.com

Instituto Superior de Ciências Educativas, Rua Bento Jesus Caraças nº 12 Serra da Amoreira.
2620-379 Ramada – Portugal.

Referências

- Assis, S., Pesce, R., & Avanci, J. (2006). Resiliência: *Enfatizando a protecção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed.
- Kahn, J. H. (2006). Factor analysis in counseling psychology research, training, and practice: Principles, advances, and applications. *The Counseling Psychologist*, 34, 684-718.
- Laros, J. A. (2005). O uso da Análise Fatorial: Algumas diretrizes para pesquisadores. In L. Pasquali (Ed.), *Análise fatorial para pesquisadores* (pp. 163-184). Brasília: LabPAM
- Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric theory*. New York: McGraw-Hill.
- Pesce, R. P., Assis, S. G., Avanci, J. Q., Santos, J. C., Malaquias, J. V., & Carvalhaes, R. (2005). Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. *Cadernos de Saúde Pública*, 21(2), 436-448.
- Thompson, B. (2004). *Exploratory and confirmatory factor analysis: Understanding concepts and applications*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Vara, M., & Sani, A. I. (2006). Escala de Resiliência de Wagnild & Young (1993): estudo preliminar. In C. Machado, L. Almeida, M. A. Guisande, M. Gonçalves, V. Ramalho, & (Coords.), *XI Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. Actas (pp. 333-340). Braga: Psiquilibrios Edições.